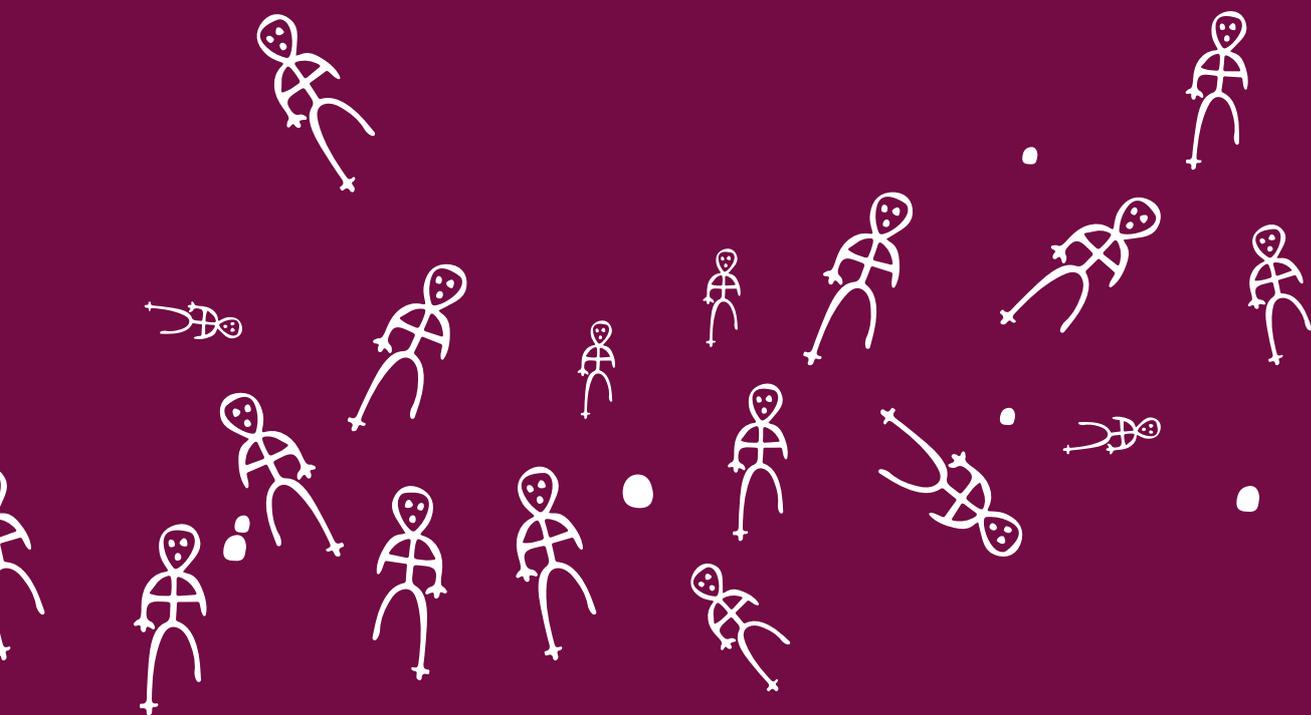




Entrevistas



Entrevistando Nancy Cardoso: a partir da teologia feminista latino-americana saber-de-si e saber-do-lugar para acuerpar-se

Mariana Rocha Malheiros

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

Pâmela Cervelin Grassi

Artesã, UDESC

Paula Cervelin Grassi

Artesã, UNISINOS

Entrevistando Nancy Cardoso: a partir da teologia feminista latino-americana saber-de-si e saber-do-lugar para acuerpar-se

Resumo:

A entrevista com a teóloga brasileira Nancy Cardoso Pereira teve como objetivo aproximar a teologia feminista latino-americana das demais produções feministas realizadas por mulheres na América Latina, dialogando, principalmente, com as críticas ao racismo, heteronormatividade e colonialismo. A maior parte da entrevista foi encaminhada por aplicativo de mensagens e outra parte por correio eletrônico. As questões foram organizadas dentro de temas que interseccionam as categorias “feminismo”, “cristianismo”, “América Latina”, “educação popular” e “lutas populares”, pensando no atual contexto latino-americano de avanços fundamentalistas na economia, política e religião. Cinco temas centrais são abordados nas dez questões: vida, trabalho e debate feminista realizado por Nancy Cardoso no espaço eclesial; elementos da teologia feminista na América Latina; movimentos e lutas feministas dentro dos espaços eclesiais cristãos; fundamentalismos na América Latina e perspectivas à teologia feminista latino-americana no atual cenário. A entrevistada nos desafia a olhar com criticidade e indignação as opressões que tocam os corpos das mulheres, especialmente às mulheres religiosas, contudo, nos convida à esperança que move nossas práticas, construída a partir do saber-de-si e saber-do-lugar, para *acuerpar-se*.

Palavras-chave: Nancy Cardoso; Teologia Feminista; Acuerpamiento; Fundamentalismos; América Latina.

Entrevistando Nancy Cardoso: desde la teología feminista latinoamericana el conocimiento acerca de sí y el conocimiento acerca del lugar para acuerparse

Resumen:

La entrevista a la teóloga brasileña Nancy Cardoso Pereira tuvo como objetivo acercar la teología feminista latinoamericana a otras producciones feministas realizadas por mujeres en América Latina, dialogando principalmente con la crítica al racismo, la heteronormatividad y el colonialismo. La mayor parte de la entrevista se envió por aplicación de mensajería y otra parte por correo electrónico. Las cuestiones se organizaron en torno a temas que interseccionan las categorías “feminismo”, “cristianismo”, “Latinoamérica”, “educación popular” y “luchas populares”, considerando el actual contexto latinoamericano de avances fundamentalistas en la economía, la política y la religión. En las diez preguntas se abordan cinco temas centrales: vida, obra y debate feminista llevado a cabo por Nancy Cardoso en el espacio eclesial; elementos de la teología feminista en América Latina; movimientos y luchas feministas en los espacios eclesiales cristianos; fundamentalismos en América Latina y perspectivas para la teología feminista latinoamericana en el escenario actual. La entrevistada nos desafía a mirar con crítica e indignación las opresiones que afectan el cuerpo de las mujeres, en especial de las religiosas, sin embargo, nos invita a la esperanza que mueve nuestras prácticas, construidas sobre el conocimiento acerca de sí y el conocimiento acerca del lugar para acuerparse.

Palabras clave: Nancy Cardoso; Teología Feminista; Acuerpamiento; Fundamentalismos; Latinoamerica.

Interviewing Nancy Cardoso: from the Latin American Feminist Theology self-knowledge and place-knowledge for acuerpar-se

Abstract:

The interview with Brazilian theologian Nancy Cardoso Pereira was made with the objective to approach Latin American feminist theology closer to others feminist productions performed for women in Latin America, dialoguing, mainly, with criticisms to racism, heteronormativity and colonialism. Most of the interview was sent by messaging application and another part by e-mail. Part of the questions were organized around themes that intersect categories like "feminism", "Christianity", "Latin America", "popular education" and "popular struggles, considering the current Latin American context of fundamentalist advances in the economy, politics and religion. Five central themes are addressed in ten questions: first, life, work and feminist debate carried out by Nancy Cardoso in the ecclesial space; second, elements of feminist theology in Latin America; third, feminist movements and fights feminists in the Christian ecclesial spaces; fourth, fundamentalisms in Latin America and fifth, perspectives for Latin American feminist theology in the current scenario. The interviewee challenges us to look critically and indignantly at the oppressions that affect women's bodies, especially women's religious, however, she invites us to the hope that moves our practices, built on self-knowledge and place-knowledge, for acuerpar-se.

Keywords: Nancy Cardoso; Feminist Theology; Acuerpamiento; Fundamentalisms; Latin America.

A brasileira Nancy Pereira Cardoso é Graduada em Teologia pela Faculdades Integradas Benett e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Metodista de Piracicaba, possui mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente, é professora no Programa de Pós-Graduação de Estudos da Religião, na Universidade Metodista de Angola. De tradição metodista, Nancy foi pastora por quase quarenta anos, iniciando sua atuação pastoral no início da década de 1980. Exercendo importante trabalho na defesa dos movimentos do campo, especialmente de mulheres. Também merece destaque seu trabalho no Centro de Estudos Bíblicos – CEBl, onde produziu diversos trabalhos que uniam bíblia, educação popular, feminismo, crítica aos fundamentalismos, movimentos sociais, ecofeminismo e lutas populares na América Latina.

Nós três chegamos até Nancy através de caminhos muito parecidos, ainda que em lugares geográficos diferentes¹: fomos adolescentes nos anos 2000, participantes da Pastoral da Juventude, da Igreja Católica e nos espaços em que estávamos inseridas, começamos a perceber as violências que as mulheres sofriam, ainda sem muita nitidez sobre o que as mesmas significavam. Começamos a buscar respostas que a igreja não nos oferecia. Neste tempo, nossos caminhos se cruzaram e entre tantas trocas de referências, estava Nancy, com seus textos que nos deslocavam para além da religião, interseccionando com as lutas populares na América Latina e a construção de feminismos anti-coloniais, anti-racistas e anti-capitalistas. Para milhares de mulheres religiosas e feministas, Nancy é uma referência teórica e de práxis, nos lembrando que são as mulheres mais pobres e esquecidas que precisam da teologia feminista da libertação.

Nancy aceitou gentilmente o convite para conversar com a Revista Epistemologias do Sul. Encaminhamos as perguntas através de aplicativo de mensagens e e-mails.

Antes de recebermos as respostas de Nancy, nós três (Paula, Pâmela e Mariana) pudemos nos encontrar pessoalmente pela primeira vez, depois que a pandemia de Covid-19 invadiu nossas vidas e deixou marcas que ainda estamos curando. O encontro ocorreu em Guararema/SP, na Escola Nacional Florestan Fernandes, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), no Primeiro Encontro da Rede de Jovens Ativistas de Católicas pelo Direito de Decidir (CDD). Durante o evento, a palavra que mais ecoou em nossas discussões foi *acuerpamiento*, conceito cunhado pela feminista comunitária maya-xinka Lorena Cabnal, que reside na Guatemala.

Conforme Cabnal, *acuerpar* é a ação pessoal e coletiva dos nossos corpos que se sentem indignados diante da injustiça contra outros corpos, que são individuais ou coletivos. Logo, o *acuerpamiento* exige que nos abastecemos de energia política para resistir e atuar contra as diversas opressões que nos ferem: patriarcado, racismo, colonialismo, heteronormatividade e capitalismo. Esta energia provém do afeto e da espiritualidade, rompendo fronteiras e o tempo linear imposto. Nos traz solidariedade e indignação coletiva, mas também nos revitaliza e traz novas forças (CABNAL, 2015). Nas palavras da autora: “recuperar la alegría sin perder la indignación” (CABNAL, 2015). Ainda no sentirpensar destes dias de encontros e solidariedade feminista, recebemos as respostas de Nancy às perguntas da entrevista por e-mail e nos alegamos porque este mesmo conceito percorreu toda a entrevista, sendo um convite para nossa ação como pesquisadoras e ativistas dos tantos espaços que ocupamos: *acuerpamiento*.

Por isso, ao revisar a entrevista, escolhemos manter a prosa leve, de uma conversa que poderíamos ter tido numa cozinha, enquanto comemos café e bolo. O trabalho de Nancy tem essa característica: é acessível às mulheres populares dentro de suas realidades, sem perder a originalidade da sua produção.

Assim, esta entrevista resultou no texto que vocês encontram a seguir. Formulamos dez perguntas, que transitam entre cinco temas centrais: vida e inserção política/epistêmica feminista de Nancy; teologia feminista latino-americana; experiências de feminismos cristãos; fundamentalismos e, por fim, perspectivas futuras à teologia feminista na América Latina.

¹ Paula e Pâmela estavam em Caxias do Sul/RS e Mariana em Guarapuava/PR.

Foto: Nancy Cardoso (cedida pela entrevistada).





Nancy, primeiramente, queríamos agradecer a acolhida desta entrevista. Nós três somos admiradoras do seu trabalho. Você é uma referência tanto no meio acadêmico, por sua ousadia e questionamentos desobedientes, quanto também na práxis coerente, de presença nos espaços pastorais ecumênicos e de luta dos movimentos sociais. Por isso, gostaríamos que você nos contasse primeiramente sobre sua trajetória, articulada entre produção acadêmica, presença nos movimentos sociais (e feministas), maternidade e atuação eclesial.

Sou nascida em 1959 em uma cidade operária (Volta Redonda), filha de pai e mãe trabalhadores em que a educação era uma prioridade... a outra era a igreja. Minha família era de tradição metodista e a vivência de igreja era o que organizava nossa vida. Desde muito cedo assumi tarefas, em especial com minha mãe: coisas de educação, trabalho com crianças, preparar e apresentar textos, organizar reuniões. Assim, aparecia pra mim o mundo de se dizer na formação das mulheres da minha comunidade e minha mãe. Isto trago comigo até hoje.

O primeiro estranhamento foi só me dar conta da ditadura militar, e de que minha cidade era área de Segurança Nacional (por conta das lutas sindicais), quando fui pro Rio de Janeiro aos 15 anos, em 1975. Isso me obrigou a ver meu lugar com outros olhos e a estranhar o esquema de proteção igreja-escola que tinha me sido oferecido. Começo a trabalhar como professora com 17 anos e vou ganhando autonomia, mantendo escola-igreja como referências, mas com a perspectiva de militância (sindical e pastoral).

Faço pedagogia/filosofia e teologia enquanto trabalho. Me envolvo com a luta estudantil, a organização de base do Partido dos Trabalhadores (PT), da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e me envolvo com a leitura popular da bíblia na Baixada Fluminense, onde fui ser pastora, aos 23 anos. Neste mesmo período fui eleita delegada à Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas em Vancouver (1983): esta aventura ecumênica marca minha trajetória de vida, e eu que já era internacionalista em termos de militância política abracei o mundo ecumênico com paixão e curiosidade. Desde então, rodar o mundo, conhecer comunidades, lutas e orações moveu minha vida. Sou fruto dessas escolhas e desse tempo de enfrentamento da ditadura militar, redemocratização com derrotas e vitórias, e um enorme senso de organização popular. No mesmo período aprendo meu corpo, meus desejos, minha sexualidade e me deixo gozar com pessoas e processos, lugares e amores. Tudo isso junto nos 20 anos de uma ... é muita coisa.

Aos 30 anos fui fazer mestrado e doutorado em Bíblia, por conta do trabalho de base com as comunidades e movimentos. Fui feliz e infeliz. Continuei professora quando me deixaram – meu feminismo e militância me entortaram, e eu nunca mais passei nas régua da academia. Sofri e depois não. Caso e descaso, caso e descaso, tenho duas crianças que maternei junto com minhas amigas e mulheres trabalhadoras.

A terra entra na minha vida por conta do meu corre com as comunidades de base na leitura popular da Bíblia. Em 1994 começo a me aproximar do MST, em Promissão/SP. Em 1997 fiz o contato com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e aí... achei o lugar de me dedicar e de aprender que mais sentido faria na minha vida. E ainda faz.

Num sei como maternei as crianças enquanto rodava o Brasil e participava de processos de luta e de formação. Entrava e saía dos empregos de acordo com as tarefas que a Pastoral ia me dando. Tudo muito confuso, fragmentado. Mas eu fiz isso tudo – não sei se bem feito – mas fiz. Aposentei como professora depois de 43 anos de trabalho. Aceitei o convite de amigos e amigas de ir trabalhar em Angola com a Universidade Metodista. Saí do pastorado da Igreja Metodista – que se tornou uma pálida memória da igreja que já foi.



Nancy Cardoso

Hoje sou professora de Bíblias em Luanda e ajudo a pensar como organizar uma pós-graduação em estudos da religião e teologia por lá. Estamos no caminho. Eu mais faço perguntas e me maravilho. Envelheço. Um câncer, perdas aqui e ali. Canso fácil. Acho que ainda ando por aí mais um tempo, dois tempos. Metade do tempo.

Dentro de uma perspectiva hegemônica cristã, se entende que não é possível ao cristianismo dialogar com o feminismo. Não somos incentivadas a buscar referências feministas agregadas à nossa construção do sagrado. Assim, tendo em vista este cenário hegemônico, gostaríamos de saber sobre o que te motivou à busca pela teologia feminista na construção do sagrado cristão. Quais caminhos percorridos até os feminismos?

A luta das mulheres me pede explicação no tempo do trabalho de base com as comunidades e movimentos. Eu me joguei nos grupos e lutas porque o feminismo me dava palavras pra dizer o que eu sentia e vivenciava com as mulheres das periferias, pastoral operária, pastoral da mulher marginalizada. Ser feminista e cristã nunca criou nenhum limite ou tensão. Era eu e minhas companheiras. Por que não?

Dentre as muitas contribuições da Teologia Feminista Latino-Americana, uma que nos provoca em epistemologias e práxis é a Hermenêutica da Suspeita. Algo que sentimos e pensamos é que, ao suspeitarmos do que nos ensinam como sagrado e absoluto, que se coloca como universal e neutro, somos levadas à indignação, incômodo, raiva e à busca por uma práxis de desobediência às instituições que sustentam esta suposta universalidade e neutralidade, bem como também sustentam o capitalismo, o racismo, a heteronormatividade e o patriarcado. Assim, a partir destas considerações, gostaríamos que você falasse um pouco mais sobre esta hermenêutica e suas contribuições para a construção da Teologia Feminista na América Latina.

A hermenêutica é a vertigem de dizer o que se vive. Então, demanda saber-de-si, saber-do-lugar e das relações sociais de poder envolvidas. Tanto a teologia da libertação como os movimentos feministas e as lutas organizadas da esquerda exigem esse saber-do-lugar: a conjuntura! O feminismo implode essa perspectiva quando exige o saber-de-si e as relações-sociais-de-poder envolvidas. Tanto a realidade, como as relações, os poderes, os textos, a bíblia, os amores a gente precisa saber -de- si, sabendo do mundo e sabendo dos poderes. O feminismo desperta, aciona e lapida essa nossa capacidade, e interpretar fica orgânico, como respirar. Mais do que um procedimento formal, a interpretação é essa habilidade de dizer “o corpo pessoal, no corpo social, no corpo do mundo”. A ecologia entra assim pelos poros do feminismo. O pessoal é político. O espaço público e o privado.

Eu tive o prazer de ir fazendo e aprendendo a perguntar, criticar, analisar e interpretar juntando militância e estudo... sem nunca deixar de lado as manhas da espiritualidade. A oração é isso de saber-de-si, saber-do lugar e celebrar o estar aí. Então, a poesia, a música, as romarias, as velas e danças de rodas dos encontros de pastoral faziam a tarefa interpretativa mais do que uma descrição da situação para ser um dizer recriando. Eu caminhei muito nas lidas da mística, oração, preces e peregrinações, e fui abençoada ao ser convidada não para dizer algo, mas para recriar algo que era meu e da comunidade. A teologia feminista na AL tem essa abertura sentipensante em fazer-se: acuerpando-se!



Outra questão que a Teologia Feminista apresenta é a retomada do erótico na produção teológica, a redescoberta dos corpos das mulheres a partir das próprias mulheres, enfrentando o binarismo cristão que santifica/purifica mulheres, ou as demoniza. O que nos chama atenção nesta construção, é que o erótico não se torna uma oposição nem à santificação, tampouco à demonização, mas se reivindica como uma das dimensões que devem estar encarnadas na fé cristã (PEREIRA, 2003). Dentro desta perspectiva, você poderia falar mais sobre esta relação entre erotismo e teologia feminista?

O saber-de-si e o saber-do-lugar como *acuerpamiento* é um caminho pelo corpo pessoal e o corpo do território. Tem relação com a sexualidade, deixar alguém chegar perto de dentro de você, sabendo encontrar todos os lugares do prazer – dar e receber. Mas aí você se dá conta do prazer físico e gozoso de outras coisas: uma passeata, ocupação da terra, uma reunião com as companheiras, uma celebração da vida... tudo desperta o corpo, eriça a pele e pede mais.

Quando você junta o que disseram para separar – a relação sexual heteronormativa e as alegrias de bandos de gente e caminhos de luta – aí tudo pede mais. No trabalho da teologia feminista, a gente entende que tem uma contribuição importante pra dar no enfrentamento da miséria e exploração sexual e erótica das mulheres e do povo. Tomar a palavra erotizada e partilhar com as pessoas, convidando para que digam as outras palavras, do que elas vivem. Afirmar o direito ao gozo, ao orgasmo de estar vivo e organizado, criando sentido para vida geral. A teologia trabalha com estas palavras dos sentidos. A teologia feminista não tem nenhuma vergonha na cara, nem no resto do corpo, por isso diz e convida pra dizer dos gemidos da criatura e da criação. Aí o mundo muda, novos debates sobre sexualidade aparecem e a gente tem que reaprender que esse saber-de-si e saber-do-lugar (que é mais que lugar de fala), num acaba nunca. Tem coisa mais erótica do que ter que continuar mexendo, esfregando em algo?

O Evangelho de Jesus é muito assim: as dores dos corpos, as loucuras e as fomes do povo... e a boa - nova. A teologia feminista foi lá e fez essa leitura erótica do corpo textual, no corpo da comunidade. Nem sempre dá muito certo... mas vamos fazendo esse caminho porque é preciso, e porque é bom.

Há muitas experiências de mulheres, oriundas do cristianismo, que enfrentam as experiências cristãs hegemônicas. Podemos citar Católicas Pelo Direito de Decidir (que estão em vários países latino-americanos como Brasil, Argentina, Uruguai, El Salvador, Bolívia, México e outros), Evangélicas Pelo Estado Laico, Evangélicas Pela Igualdade de Gênero e outros espaços de mulheres que unem cristianismo e feminismo, inclusive dentro das igrejas. Como você vê a contribuição destas experiências para os feminismos latino-americanos? E para o cristianismo latino-americano, especialmente aos grupos e movimentos influenciados pela Teologia da Libertação?

Os processos organizativos são vitais e acumulam forças, aglutinam vozes e vão criando espaços não planejados ou esperados. São importantes demais no enfrentamento dos usos fundamentalistas, patriarcais e elitistas da fé. Eu acho que tem este valor, MAS que não substitui o lugar da luta geral. Sou feminista evangélica, mas preciso estar nas lutas gerais para além do “evangélico”, vivendo as contradições e aprendendo da biodiversidade necessárias nos movimentos anti-sistêmicos. Então entendo o lugar e os objetivos, mas acho que não devem ser lugares de caber e, sim, lugares de projetar, lançar! Sem medo de se perder...



Nancy Cardoso

Da mesma forma, também as pessoas LGBTQIA+ estão reivindicando a presença de seus corpos e experiências, dentro dos espaços do cristianismo. Estas pessoas não mais se escondem. Como você vê esta diversidade dentro das igrejas, especialmente a construção dos espaços de resistência para estes grupos e as possibilidades de ocupação dos espaços de poder?

A resposta anterior contempla, em parte, e eu evito falar em nome de... conheço gente muito boa pra falar sobre².

Ao debater a questão dos fundamentalismos religiosos cristãos, você deixa explícita a relação entre os mesmos com o capitalismo, o racismo e a heterossexualidade – sendo estas categorias também fundamentalistas. “O fundamentalismo é um modo de ordenação do mundo e das relações que situa num lugar acima da sociedade e suas questões um eixo de estabilidade e verdade que disciplina tudo e todos” (CARDOSO, 2016, p.20) . Neste sentido, gostaríamos que você falasse mais sobre fundamentalismos neste viés e como ele se faz presente no atual cenário latino-americano.

O fundamentalismo é “uma falsa resposta” para perguntas reais e concretas da vida em sociedade. Não acho que devemos isolar a questão do fundamentalismo religioso do metabolismo fundamentalista: econômico, cultural, religioso, sexual, e tudo! O capitalismo precisa do fundamentalismo do mercado e o patriarcado precisa do fundamentalismo da propriedade privada e da heteronormatividade. Assim o tema exige uma visão histórica sobre os colonialismos e seus processos pedagógicos e normatividade. Exige uma práxis anti-colonial que articule esses muitos eixos dos fundamentalismos.

Em 2019, nas Jornadas de Debate Feminista, organizada no Uruguai pelos Grupos “Cotidiano Mujer” e “Encuentro de Feministas Diversas”, você falou uma frase que marcou aquele evento: “A América Latina feminista que queremos não será possível sem as mulheres pobres que hoje encontram refúgio na religião ” (DEMIRDJIAN, 2019). Também entendemos que não teremos uma América Latina Feminista enquanto não dialogarmos com as mulheres pobres e negras que estão buscando respostas dentro de práticas neopentecostais (tanto nas igrejas evangélicas quanto nas católicas). No entanto, nosso discurso feminista não atinge estas mulheres. O que está faltando? Por que nós não conseguimos dialogar com as mulheres pobres na América Latina que estão dentro das instituições religiosas? Ainda fazemos e falamos dentro de uma perspectiva que não produz diálogo?

Sim. O feminismo precisa ser um movimento de massa, dialogando e organizando as maiorias pobres, as mulheres do campo e da cidade. Aqui o debate sobre os modos organizativos, as vanguardas, quadros e retaguardas precisam ser feitos, mas existe uma certa preguiça de passar por questões importantes que os movimentos classistas internacionais vêm fazendo. Bom, então meu feminismo é classista e anticapitalista. Preciso juntar estas pontas, e sem a mulher pobre/trabalhadora, as mulheres, muitas trabalhadoras, diversas, este caráter classista e revolucionário não se coloca. Como estudiosa da religião – outro tema evitado e mal abordado – sei do lugar da religião do disciplinamento das massas, mas também sei das contradições erótico-lúdicas da religião.

² As Teologias Queers cada vez mais vêm ganhando espaço dentro dos estudos teológicos, assim como os estudos sobre a presença da comunidade LGBTQIA+ nos espaços religiosos. Dentro destas áreas, gostaríamos de destacar os trabalhos de: Marcella Althaus-Reid (teóloga argentina), André S. Musskopf (teólogo e pastor brasileiro), Ana Ester (teóloga e reverenda brasileira), Juan Marco Vaggione (sociólogo argentino), Cris Serra (psicóloga brasileira), Jeferson Batista (antropólogo brasileiro) (nota das entrevistadoras).



Se considerarmos o caráter híbrido e diverso das formas religiosas latino-americanas, bem como a persistência e ressurgência dos modos de crença, seria possível pensar o lugar da religião nos exercícios de educação popular e radicalização da democracia nos movimentos feministas. Não quero fazer essa prosa de fora, mas dentro, e acredito que vamos criando esse espaço e aprendendo a fazer a conversa – difícil e necessária.

Nancy, você está vivendo em Angola, lecionando no Programa de Pós-Graduação de Estudos da Religião na Universidade Metodista de Angola. Como tem sido esta experiência e este deslocamento da América Latina para a África? Quais semelhanças e diferenças na produção de uma teologia feminista crítica?

A África é gigante, Angola é deslumbrante e difícil. Ainda não me sinto autorizada a dizer de Angola. Estou lá desde 2020 mas com a pandemia no meio na frente e atrás. Não dá pra esperar encontrar os processos latino-americanos por lá. É outra coisa, muito outra. Estou ainda nesta fase de deixar de ler as coisas com um espelho através do mar. É difícil e belo. Um dia, se eu souber dizer... eu digo.

Queremos agradecer imensamente esta entrevista. Foi desafiador, mas muito instigante pensar estas perguntas que são mais anseios, angústias e esperanças. Por isso, nesta última questão gostaríamos de refletir sobre os desafios à Teologia Feminista Latino-Americana nos espaços da Teologia da Libertação, que ainda trazem como principais referências homens que não discutem organicamente questões trazidas pelos movimentos feministas, como Justiça Reprodutiva e Violência Institucional contra as Mulheres. Depois de tanto tempo, em que fomos silenciadas tantas vezes por abordarmos estas questões nos espaços comuns, é possível ainda construirmos diálogos?

Creio que os debates do 14º. Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe – realizado no Uruguai, em 2017, com a presença de 2200 mulheres – e seu momento para perguntar por “Los nombres del feminismo” não quis fazer um controle de pertença ou marca de identidade, mas o reconhecimento de que na América Latina e Caribe (ALC) o feminismo é muito mais do que a reunião de movimentos reconhecidos, e com características eurocêntricas ou “mais amplamente ‘ocidental’, branca, hetero-normativa, acadêmica, institucional, com dificuldades para criar raízes no coração e na pele das mulheres das cidades do sul (...)”. Somos muitas, diversas:

feministas populares, indígenas, comunitarias, negras, campesinas, lesbofeministas, con capacidades diferentes, feministas socialistas, materialistas, trabajadoras, sindicalistas, y otras grupalidades que venimos de diversas propuestas e identidades culturales, ideológicas y políticas que sentimos necesario visibilizar, debido a que no nos contiene la pretensión de universalidad de los feminismos hegemónicos (KOROL, 2017).

Diversas, desiguais ainda, mas não dispersas! Creio que o mesmo vale para a teologia feminista. Convivemos já há bastante tempo com esta avaliação, mas não conseguimos dar passos mais significativos, não conseguimos criar acúmulos e arriscar – falo isso considerando meu próprio trabalho. Ainda arrastamos pesadas cotas patriarcais, heteronormativas e de supremacia branca: talvez por necessidade de sobrevivência nos apertados espaços para a teologia feminista, talvez por alguma preguiça antiga, ainda nos sentimos confortáveis respondendo aos desafios imediatos das lutas das mulheres, sem o deslocamento necessário que exige a interseccionalidade. Mas estas são conversas de não se fazer sozinha. Tomara a gente poder retomar os encontros presenciais. Muito por fazer. Muita saudade de nós.

Mariana Rocha Malheiros, Pâmela Cervelin Grassi, Paula Cervelin Grassi



Referências

CABNAL, L. **Feminista Comunitária**. São José da Costa Rica: SUDS – Internacionalisme, Soliriritat, Feminismes. Publicado em 11.09.2015. Disponível em <https://suds.cat/es/experiencias/lorena-cabnal-feminista-comunitaria/> Acesso em 07.07.2022.

DEMIRDJIAN, S. **“A América Latina feminista que queremos não será possível sem as mulheres pobres, que hoje encontram refúgio na religião”, avalia a teóloga Nancy Cardoso**. Instituto Humanitas Unisinos. Publicado em 01.08.2019. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591255-a-america-latina-feminista-que-queremos-nao-sera-possivel-sem-as-mulheres-pobres-que-hoje-encontram-refugio-na-religiao-avalia-a-teologa-nancy-cardoso> Acesso em 25.05.2022.

KOROL, C. **Feministas: Diversas pero no dispersas**. Association for Women's Rights in Development (AWID). Publicado em 18.12.2017. Disponível em <https://www.awid.org/es/noticias-y-an%C3%A1lisis/feministas-diversas-pero-no-dispersas> Acesso em 07.06.2022.

PEREIRA, N. C. **Palavras... se feitas de carne: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos**. Coleção Cadernos. 1ª ed. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2003.

_____. Educação e diversidade em tempos de fundamentalismos. In: SILVA, Marcia Alves da. **Gênero e Diversidade: debatendo identidades**. São Paulo: Perse, p. 15-26, 2016.

TESSER, T. Conheça 10 pastoras, teólogas e ativistas que discutem o machismo. **Carta Capital**. Publicado em 25.03.2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/conheca-10-pastoras-teologas-e-ativistas-que-discutem-o-machismo/> Acesso em 18.07.2022.

